



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração; Comp. e Imp.: Casa do Gaiato - Paço de Sousa

22 DE JUNHO DE 1957
Ano XIV - N.º 347 - Preço 1\$00

POBRES

AQUELA tarde desejei como nunca ter à minha beira um gravador. Queria reproduzir aqui tudo o que ela disse, como ela disse... e agora tenho de me resignar a escrever inexpressivamente quanto ela desabafou com tão impressionante discreção.

Ele é uma grande força, a sinceridade! Há Pobres que se choram e há deles que choram, envergonhados de chorar. Como se a sua dor, confessada pelas lágrimas, fôsse um ultrage a quem delas compartilha... E a gente fica a pensar que é assim. Porque a dor é fruto do pecado. E aquelas lágrimas lembram-nos os nossos pecados. Ó! verdade daqueles Pobres que choram envergonhados de chorar!

Há muito já que ela vem por aí. Foi até o seu caso que sugeriu a Pai Américo o Pavilhão para o menor irrecuperável, a construir, querendo Deus, no Calvário. Por isso mesmo ela apareceu aquela tarde, a saber quando chega o dia feliz em que o pequeno ali terá lugar. Ainda falta. Nós não a enganamos e ela bem sabe que ainda falta muito tempo, mas sempre vem, de vez em quando, desabafar.

O marido é asmático e franzino. Não pode nenhum trabalho violento. É apontador do Desemprego. Se há obras, trabalha, mas nunca o ganho é certo. Daí, «há fome quando ele ganha e há fome quando não ganha, que a gente está sempre atrazada na loja». São 4 filhos. O mais velho é o tal irrecuperável. Depois, é um de 6 anos, «sãozinho, graças a Deus». Depois uma menina de três, «inocente» como o primeiro. E agora um pequenito de um ano que ela traz nas palminhas por mór de o salvar. «Este menino já custou tanto cá à casa! Foram remédios e remédios enquanto o trouxe comigo».

Se ao menos o homem tivesse o ganho certo... «Uma arroba de farinha dá para oito dias e é preciso governá-la muito». Pudera!... Quando o há, pão é a única coisa que há. Como não há-de «ser preciso governá-la» para que 15 quilos de farinha entretenha a fome de seis pessoas durante 8 dias!

Ela diz isto tudo muito serena, muito digna. Às vezes sorri por entre as lágrimas que nunca secam em seus olhos. E reconhece muito o nada que por ela fazemos; e vai contente, sobretudo do bocadinho que conversámos, das esperanças que leva de nos dar o seu «inocente», posto a não enganemos e ela saiba que ainda falta muito tempo.

Ela vai. E nós, que acreditamos também «sentimos» que foi Jesus quem esteve. «O que fizeres ao mais pequenino dos meus Irmãos, é a Mim». A confiança, a resignação, a gratidão de

— Continua na seg. página —

PASSADOS cerca de dois meses, apareceu-me de novo o Américo em Valença e eu disparei logo que que o vi:

— Já sei, queres ir a Tui?!
— É verdade, sim, por isso tens de vir comigo!
— Uma vez, por engano.
— Anda, deixa-te de brincadeiras.

— Tens muita sorte! Agora mesmo estava à espera de meu tio D. que vai de trem a Tui; eu também vou e tu aproveitavas. Porém, desde já imponho uma condição: deixo-te à porta do Colégio.

— Isso mesmo é o que me convém, porque posso lá ficar o tempo que me apetecer e não tenho que aturar-te depois.

Feitas as apresentações, lá

Facetas

de uma Vida

fomos até Tui e, conforme o combinado, deixei o Américo à porta do Convento.

Tempos mais tarde, nas vésperas do meu regresso a África, quando voltava com minha mulher da cidade de Tui de visita ao então Cônsul de Portugal, cruzou com o carro onde viajávamos uma carrinha que levava ao lado do motorista o nosso Américo e malas na parte de trás. — Que irá fazer o Américo?

com malas e tudo? Indaguei eu de minha mulher.

— Desta vez não me procura! Que haveria? De que assuntos tão complicados o teria incumbido o Excelentíssimo D. Rafael, Bispo de Augusta? Quantas conjecturas eu arquitei!

— Chegados a Lourenço Marques, o Gil, um dos actuais «encanecidos», logo que me viu, atirou-me esta de chofre: — Sabe quem professou? — Não me diga que foi o

Américo?!
— É verdade, foi ele mesmo!

— E eu que lhe ensinei o caminho do Convento!?!...
— Não percebo, diz o Gil.
— É fácil — e contei-lhe o que se tinha passado.

Na viagem que fiz a Portugal em 1950, visitei Paço de Sousa para abraçar o Amigo e conhecer a Casa do Gaiato. A certa altura da visita perguntei ao Padre Américo:

— Olha lá, ó Américo, porque não disseste em Valença o que de verdade ias fazer a Tui, quando pela primeira vez foste lá comigo?

— Não, meu amigo, tive de te meter uma pata porque se te fosse dizer a verdade, tu imediatamente fazias barulho como era teu costume.

— Tens razão. Está certo. Perdoa-me a pergunta.

O Carlos, o «encanecido» que mais de perto lidara com o Américo nos últimos tempos de Moçambique, pois foram companheiros de escritório, telefonou e disse-me:

— É pá, (é assim que hoje os rapazes se dirigem uns aos outros) vem aí o Padre Américo e nós temos de o receber. As 18 estás no gabinete do Rui que lá irão os outros.

Seis da tarde, seis amigos estavam reunidos. Pouca para para que a videira desse muito bago, afim de que o Américo pudesse continuar a sua já enorme obra.

Deram-se as voltas pelas casas de espectáculos, pelos

jornais e pela Rádio. Tudo e todos absolutamente à disposição. A Imprensa bate forte, principalmente o «Notícias» por intermédio da pena de Carlos Torres. Era só aguardar a chegada.

Vem de avião? Vem de comboio? Ele estava em Joanesburgo mas nada nos mandara dizer. Corremos ao Aeroporto e depois à estação dos Caminhos de Ferro. Ele não queria manifestações, tentando mesmo desembarcar numa estação antes de Lourenço Marques.

À hora da chegada do comboio, lá estava grande parte da população da cidade que o recebeu com entusiasmo e carinho.

Depois, no quarto do hotel, o Padre Américo cheio de bondade, com os olhos a rir de alegria a todos abraçou: Se-

(Continua na 2ª. página)

Património dos Pobres

Não é novidade que nós temos ajudado e estamos ajudando vários Párocos a compor ou dividir, ou terminar casas que seus pároquianos vão subindo com migalhinhas que o mundo lhes dá e uma tenacidade que lhes vem de Deus. O que talvez ainda não dissesse é que Braga leva a camisola amarela nesta espécie de trabalhos.

Pois foi por mór de as ver que abalámos daqui uma manhã, Roque mais eu. À ida parámos em Ruilhe a ver o belo bairro tornado conhecido pelos sorteios em seu favor. Gostámos. Obra rasgada com largos horizontes. Feita à medida que pode ser. Mas o que se constrói é definitivo e perfeito. Casinhas muito boas, com três quartos, sala, cozinha, higiénicos, uma cave correspondente a tudo isto e um quintal prá horta e prá criação, custam 50 a 60 escudos. O casas de renda «verdadeiramente» económicas! Soubemos

— Continua na terceira pag. —

DE quando em quando temos de gemer e temos de publicar os nossos gemidos. Os padres da rua são pais de família numerosa, sem recursos próprios.

Ninguém de consciência nos pode negar o pão para os nossos filhos. Nossos, porque de ninguém. Uma criança abandonada vale mais do que todos os milhões de dinheiro deste mundo.

Nos últimos domingos fizemos em Coimbra o peditório nas igrejas do costume. Apurámos ao todo 10.094\$70.

Quem nos poderá obrigar a governar duas casas com oitenta pessoas, fora doentes e pobres e aflitos e obras?

Houve quem nos dissesse que a época era má. Foi agora a festa da Queima das Fitas.

Nós lamentamos o estado de consciência de muitas coisas. Estas festas como estão são um escoamento económico. Mas ainda mais do que económico, são um escoamento moral e social.



TRIBUNA DE COIMBRA

Um quintanista que assistiu pela primeira vez ao baile, veio lastimar-se de tudo aquilo. «Perde-se ali a própria dignidade humana. Já não digo dignidade cristã, porque o cristão Bom, supõe-se que não entra lá; mas a dignidade humana».

O ano passado houve uma vítima e este ano houve duas. No dia seguinte os jornais ao publicarem a dolorosa notícia, diziam que era desconhecido o motivo do desastre. Nem adianta perguntá-lo.

É uma semana de completo alvoroço e bailes desde a tarde da véspera até à manhã do dia seguinte. Quem pode esperar boas consequências em qualquer sentido?

Visado pela Comissão de Censura

Três dias de festa neste terceiro período, em que é necessário aproveitar tão bem o tempo, não chegariam? Quem pode lançar mão?

Queixamo-nos de feridos que estamos. Temos também os nossos que são estudantes e sobretudo porque, pela nossa missão de embaixadores dos Pobres, temos de empatar estes choques que se refletem na sua vida.

As festas, todas elas são ricas; as quitavas, todas elas são pobres. Nós somos testemunhas de tantas desgraças!...

Ainda nos últimos dias os jornais levantaram uma campanha de indignação contra a mulher que abandonou uma criancinha de 15 dias. E que a tal mulher não se pode chamar mãe. Disse-

— Continua na seg. página —



Contrastes



POBRES

— Continuação da 1.ª pág. —

que ela deu testemunho tão discreto, tão verdadeiro, tão intenso, são dons de Deus. Ela parte e nós «sentimos» que foi Jesus quem passou.

x x x

Quem se não lembra da Senhora Ana de Jesus? Aquela velhinha de Águas Santas que um dia Pai Américo encontrou, quase por acaso, e de quem tanto tempo nos deu notícias?

Pois a Senhora Ana, muito engraçada, muito viva, mudou agora da Casa do Património aonde estava, pra outra mais aconchegada em Braz-Oleiro ao pé da Fábrica Vitória.

«Acontece que a Senhora Ana foi vítima de um desastre e ficou muito ferida nas pernas e portanto impossibilitada de angariar o sustento que era a caridade pública.

Ora uma ocupante de uma casa do Património dos Pobres não pode morrer de fome, e tanto mais esta de quem o Pai Américo disse ser «um reino de Graça» e considerar um «milagre» tê-la conhecido.

Eu pedia só isto: Um apelo no jornal «O Gaiato» pedindo que 10 ou 20 assinantes, aqueles que mais perto morarem dela, ou mesmo de longe, oferecessem um pequeno donativo, pois a pobrezinha contenta-se com pouco. Qualquer coisa que não faça falta, para ela tudo virá de Deus».

A nossa correspondente subscreve-se «Uma Pobre». Pode sê-lo, sim, nos juízos deste mundo; mas diante de Deus não é.

Porquê? Porque encontrou o «ferido» no caminho e pa-

rou e doeu-se e providenciou. Não foi assim que Cristo Nosso Senhor ensinou aos doutores daquele tempo quem era o próximo que devíamos amar?

Ora aí está como a nossa correspondente pode ser uma «pobre» nas contas dos homens, mas possui largos capitais no «Banco» onde a traça não corroi nem os ladrões desfalecem.

Façam favor de esentar este apelo, os «10 ou 20 assinantes que mais perto morarem» da Senhora Ana de Jesus e de aprenderem por ela e de cumprirem nela o amor do próximo, que manda a Lei de Deus.

Tribuna de Coimbra

— Continuação da 1.ª pág. —

ram mais que as autoridades se puseram à busca da culpada.

Tudo muito bem e esta indignação é absolutamente justa.

Mas quem já se preocupou a procurar o pai? A criança não apareceu cá neste mundo sem ele. Quem pensa nisso? Quais as autoridades que se preocupam a encontrar o homem que lhe deu o ser? Esse homem deve ser o primeiro culpado e o primeiro a ser chamado à responsabilidade. Mas infelizmente isso não é assunto de jornais e os próprios homens procuram cobardemente encobrir-se. Diante de Deus as coisas não são assim.

Enquanto se levanta esta indignação, faz-se nesta cidade pro-

da para eu também vos ajudar. Não vem um dia ao mundo que Roque deixe de registrar novos assinantes. É certo que nem sempre chegam em torrente. Ainda esta quinzena assim foi. Listas pesadas, — pouquinhas, O forte, — migalhas. Migalhas que, somadas, dão dezenas de novos leitores. Abençoadas migalhas!

Falámos em listas; pois é ocasião de informar que continuam a aparecer delas por nós enviadas quando da primeira etapa! Ora isto quer dizer que angariar assinantes não é das coisas mais fáceis. Exige disposição, vagar, paciência, trabalho e muito amor pela causa do «Famoso». E daí, quando chegam, já dobradas e redobradas e amarrotadas de tantos encontrões, é um botar de água na fervura. Porque nós somos um constante ferver. Queremos atingir a meta a passos de gigante! E não pode ser. Isto tudo é fruto do nosso temperamento. É o sangue novo a vibrar.

As honras da coluna vão direitinhas para Lisboa. O assinante 8.982 meteu os pés ao caminho e desta feita venceu e convenceu 25 lisboetas! Ora este nosso Amigo é dos insatisfeitos. Porquê? «Já não é a primeira vez que mando», acentua na carta. E há-de mandar mais uma e mais outra e tantas quantas Deus lhe der forças para sair, de papel e lápis em punho.

Para não fugirmos à regra, transcrevemos, agora, um trecho duma carta. A voz imprescindível do leitor. Ei-lo:

«Venho pedir desculpa de tanta demora pois já à mais tempo que avia de enviar os nomes que eu consegui arranjar, para serem assinantes do Gaiato, (O Famoso). Tenho também de pedir desculpa por não mandar o pagamento da minha assinatura devido ao azar que me tem pressseguido. Parece um incêndio pois não a forma da minha vida melhorar pois queria vos ajudar pois Deus bem o sabe. Tanto peço a Deus para me ajudar a eu liquidar as minhas dívidas pois era esse o meu grande desejo. Não tenho aspirações, pois já tenho muitos anos, mas pelo menos ter com que vivêsse da pão nosso de cada dia. Deus me acu-

paganda para que o comércio feche as suas portas e assim todos possam assistir ao desafio de futebol de duas equipas femininas.

E o que mais nos entristeceu é o lucro reverter a favor da Cruz Vermelha. Temos pena que tão nobre obra de beneficência aceite destes frutos.

Sem fazermos comentários, transcrevemos uma frase publicada num jornal de responsabilidade: «repugna-nos que se dêm exemplos de aliciação à juventude feminina portuguesa».

Não nos podemos admirar muito ao vermos amanhã muitas abandonadas a abandonarem os filhos.

Padre Horácio

Campanha dos Cinquenta Mil

da para eu também vos ajudar. Espero muito breve vos liquidar pois anda sempre ao meu pensamento. Que o bondoso Pai Américo pessa a Deus por este grande pecadôr. A seguir bam os nomes mas estes são de Conjuança».

Mais Lisboa! Nada menos de 20 novos leitores; uma lista trouxe 16, os restantes 4 de outros tantos senhores. O Porto, esta quinzena, esteve um nadinha fraco! Mas nós temos fé na boa gente da Invicta. O Porto não fica atrás. É muito ciioso dos seus pergaminhos. O Porto é um caso à parte. Coimbra só dois! Ora a gente espera um pouco mais da terra dos Doutores. Ai nasceu a Obra da Rua. No Ultramar o entusiasmo está longe de esmo-

recer: Lourenço Marques 4 e da Índia, da Índia Portuguesa, um. Este não é o primeiro, o único. Lá há mais quem conheça a nossa Obra. E assine o nosso jornal. Pudera não. Ele há terra portuguesa aonde não chega, ainda, a voz do «Gaiato»? É a vez do Brasil, o orgulho de Portugal. Cá vão dois de Cataguazes, Minas. O resto do pelotão compõe-se de gente de Tortozendo, Gerês, Sobreira, Caldas da Felgueira, Bragança (3), Gaia, Ovar, Funchal, Minas da Panasqueira, Mira d'Aire, Tondela, Figueira da Foz (2), Gondomar (2), Ermesinde, Fundão e Aveiro. Porque mais não há ficamos aqui e até à próxima se Deus quiser.

Júlio Mendes

CHALES DE ORDINS

A propósito do que no «Famoso» veio, sob o título «Dar de comer a quem tem fome», recebi, há tempos, uns ecos duma Vicentina que aqui se publicam. Oxalá o facto fosse local, mas, com certeza, transcendendo as portas da cidade. Ei-los: «quase nos limitamos a distribuir esmolas por uma série de miseráveis, que por sua vontade preferem recebê-las do que lutar por dispensá-las. É uma caridade deseducativa, porque os Pobres não

aceitam a educação que desejávamos fossem também recebendo. E não temos aquela vontade forte e inteligente que nos obrigue a todas a «ver» o caminho direito para o bom desempenho da nossa missão, desprendendo-nos, por completo, da nossa simpatia pessoal, pelo que deixamos muitas vezes ao abandono — estou disso convencida — quem mais precisa, para favorecermos quem melhor nos engana e de quem mais gostamos». Trata-se duma confissão. E também duma denúncia. É assim que cristalizam, por ventura, algumas Conferências. E, até, se degradam. Reunem-se em nome da Caridade, mas, no final, movem-se pela carne e pelo sangue. Anda-se atrás de «quem melhor nos engana e de quem mais gostamos». O resultado não pode ser outro: «deixamos ao abandono quem mais precisa». Foge-se de tentar levantar o Pobre na sua miséria que o insensibilizou no aviltamento pois que isso não é muito agradável. É trabalhoso. Tantas vezes, gera a incompreensão, até diante dos «bons», que nada fazem. E não se passa de «distribuir esmolas por uma série de miseráveis», em vez de se procurar processos mais inteligentes. Ao fim do ano, pode apresentar-se um relatório apreciável das actividades desenvolvidas. Poeira, apenas, para cegueira própria. Perdeu-se o tempo. Nada se fez para a eternidade. Lá não há-de contar o relatório, senão para a condenação, pois tudo andou ao vento da «simpatia pessoal». Lá aparecerá «quem mais precisa», mas não era reconhecido, simpático, a acusar-nos: «tive fome e não me deste de comer».

Como outros Seminários, também o do Verbo Divino, na Fátima, veio aos chales. «Ninguém que leia aquelas crônicas dos «Chales de Ordins» e que tenha um pouquinho de caridade, pode resistir à experiência. Eu, pelo menos, há muito que venho sendo tentado. Não uso nem preciso de chales. Sou homem! Mas quem tem sobrinhas e afilhadas já não pode di-

— Continua na quarta página —

Facetas

de uma Vida

— Continuação da 1.ª pág. —

bastião, Rui, Abílio, Carlos e Artur, os seus queridos «encanecidos», como nos ficou a tratar.

Depois foram as palestras na Rádio, nas casas de espectáculos, nos campos de jogos, onde nuns e noutros se disputavam os melhores lugares para que melhor se pudessem ouvir e ver o Padre Américo, actos estes que os jornais relatavam em letras gordas e o Rádio Club de Moçambique radiodifundia para que as gentes de Moçambique pudessem ouvir o Apóstolo do Bem.

Recordo com muita saudade aqueles momentos de alegria que Ele e nós, os «encanecidos», sentíamos.

Depois, foi Padre Américo foi de abalada até Beira, Luabo, Quelimane, Ilha de Moçambique, terras muito queridas dele, onde também tinha bons amigos que o esperavam ansiosamente.

Outras terras o chamavam para o abraçar. A algumas conseguia matar o desejo, mas houve muitas onde não foi, com bastante pesar seu.

Enfim, foi uma viagem verdadeiramente e a todos os títulos, triunfal.

Depois veio a partida, que foi para sempre...

ARTUR MEIRIM

PATRIMONIO DOS POBRES

— Continuação da primeira página —

mais — e isso deixou-nos ainda mais gostosos — que alguns casebres vizinhos do espaço a urbanizar, foram apeados e reconstruídas em seu lugar casas como as outras, que o Pároco depois entregou sem mais aquelas aos velhos proprietários.

Dali foi um salto a S. Martinho de Dume. O berço religioso do velho burgo bracaraense conserva seu ar de terra de antanho. Junto aos muros de moradia fidalga estão em acabamento duas casas do Património que ainda não vira. Soube com pena que o solícito Pastor da freguesia tem estado quase sózinho naquela obra. Espero em breve notícias da conversão.

Eram horas de almoço. Eu mai-lo Roque demos uma volta em procura de restaurante. Entrámos muito sorrateiros, convencidos de que ninguém nos vira. Ó ilusão! Daí a pouco veio um, depois outro. O almoço já não foi mais da nossa conta. Depois dele, num café restantes meias, juntaram-se os restantes. E eis de com, sem ninguém contar, tive ali uma feliz tertúlia com os Vicentinos de Braga.

Nós queremos tanto aos vicentinos de Braga! O que Eles não têm feito! Com que ortodoxia e perfeição eles têm feito tantas maravilhas movidos no amor e pelo amor dos Pobres da sua cidade! O Pobre para eles é Senhor. É Cristo que os aguarda nos caminhos da vida. Que direito Ele não tem de lhes exigir até ao sacrificio! Queridos Vicentinos de Braga, quão saboroso não foi aquele encontro em torno de uma mesa de café, reunidos pelo «peso vivo» de um mesmo amor!

«A DAMA POBREZA»

«Já vai fazer quatro anos que estou nesta freguesia. Andava sempre à espera de poder pagar a assinatura do meu jornal, que leio sempre de fio a pavio. Mas não tenho podido. Esperava este mês pagar. Ontem mesmo apareceu um buraco e lá vai a pequena e minguada reserva, mas para não vir a cobrança ter comigo e eu ver-me na necessidade angustiada de a ter de devolver, aqui vai esta pequena e insignificante parte do meu débito (20\$) e vou tentar assim amortizar a obrigação até final. É mais trabalho para os senhores mas é comum há nas dificuldades alheias e isso é cristão. Pois o que em seminarista fazia com facilidade faço-o agora em gota a gota do meu sangue.»

De Braga fomos a Espinho, perto do Sameiro, aonde um pobre jornalista dali tem feito milagres de economia e administração por mór da sua casita. Tomámos por nossa conta o telhado; um telhadito por largo!

Nisto aparece o outro, por quem íamos. E com ele por guia descemos a S. Pedro de Este, onde as paredes já vão subindo.

Ali esperava-nos de surpresa um outro encontro amigo. Subimos uma encosta um na-dinha escarpada e fomos dar com uma casita modesta mas ampla e digna em sítio de meter cobiça. Dali seguimos à actual morada do nosso homem. Entre a casa nova e esta há a relação da foto e do filme que lhe deu origem. Não quero dizer mais nada.

Descemos de novo à casa do nosso casal amigo. A Esposa ficara preparando-nos o farnel. «Eu estava a fazer uma «bôla» e ela hoje crescia, crescia sem eu saber porquê. Agora já sei. Era para vós». E nós partimos — era meio da tarde — depois de um almoço que nada nos custou; com a algebeira mais quente pelo que alguém, no Sameiro, nos metera na mão e agora, ainda com um farnel de traz. E, sobretudo, cheios da alegria dada e recebida naqueles vários encontros tão inesperados quanto amigos.

E nós partimos saboreando Deus, que olha pelos lírios do campo e pelas aves do céu e incomparavelmente mais pelos Seus filhos. Que doce mistério! Que certeza, mil vezes provada, a Sua Providência!

Passámos pelo Seminário a saber dos que hão-de vir conosco às colónias de Azurara. O dom de Deus continuou ainda. «São tantos a querer — me disse o seminarista «mobilizador» — que eu não sei como se há-de dar satisfação a todos». Essa noite foi no Gerez. O Daniel estava lá em tratamento; foram quarenta quilómetros; sentíamos necessidade de uma noite repousante; ouvimos contos (que experimentámos verdadeiros) das belezas do vale do Cávado — e cáimos na tentação. Essa noite foi no Gerez.

Manhã seguinte, Missa celebrada, deixámos Daniel mai-las suas águas e voltámos pela Morreira. Pároco não nos esperava. Nós esperávamo-lo tão simpático tal qual é.

Fomos ver as duas casas. Vimos outros casos.

Aquele jovem Padre ao falar dos problemas por resolver, dizia o verbo na 1.ª pessoa: «Eu ainda não sei bem como se há-de resolver este...» Eu vou ver quanto podemos juntar e depois me dirá da sua ajuda...»

Aquele jovem Padre pense ou não pense nisso, «sabe», que, por missão, é o Pai das suas duas paróquias. E o Pai é solícito. Cuida. Atribui-se o encargo de abrir caminho e

— Continua na quarta página —

CALVÁRIO

O Edmaro já anda. Que outra coisa não tivesse feito, só esta titulava à nossa gratidão a «Se Rosa», a simpática e humilde velhinha que tem olhado por Beire enquanto a Senhora de lá se desdobra entre ali e o Porto.

Foi há uns dias a doce surpresa. Eu chegara. Como sempre, o Edmaro perguntou:

— É o Padre Car...ros, é?... Um passe bem ao Padre Car...ros.

E logo depois toma a sua muleta até há pouco inútil e caminha devagarinho, terrasso em fora...

Que forças ignoradas esconde a natureza!

O Edmaro é um atrasado mental tido por irrecuperável. Todo ele é tortinho. Médicos têm-se confessado incapazes de corrigir os ossos por via daquele atraso.

E a Senhora Rosa, naquele ambiente pastoril e simples em que as criaturas de Deus, com uso da razão e sem ela, confraternizam em santa harmonia que «sabe» a antes do pecado original, não digo que o endireitou, mas «fê-lo» andar por si mesmo e tem-lhe ensinado orações e artigos de doutrina que ele repete com uma prontidão de envergonhar muitos alunos sãos e escorregidos das nossas catequeses.

Daquela terrasso aonde o vi andar pela primeira vez descobrem-se vastos e lindos panoramas. De norte a sul, de leste a oeste, a Natureza canta as «maravilhas de Deus».

Junto de nós dezenas de pedreiros martelam dezenas de pedras. É o «solo» que se destaca da melódia surda que a madre terra canta.

Os pensamentos atropelam-se e confundem-nos. Dezenas de pedreiros... Dezenas de contos que, mês a mês, eles nos custam... Dentro de nós irrompe em borbotão uma urgência de acção de graças. Apetecia-nos gritar: Deus é bom! Viva Deus! E abraçar o mundo inteiro! Falta-nos a simplicidade dos perfeitos «loucos».

E ao mergulharmos nesta falta, de novo nos encontramos a pessoa «normal» que todos vêem em nós; mas o mistério da fecundidade divina, esse permanece.

Sim, a gente não sabe nem é dado aos homens entender. O «capitalista» daquelas dezenas de pedreiros que nos custam dezenas de contos, mês a mês, é o Edmaro. É o Edmaro, por si e por todos aqueles outros que ele agora representa e hão-de vir um dia a, ser seus companheiros.

É por isso que nós podemos trabalhar no ritmo de noventa homens diários, sem termos um centavo de auxílio oficial para aquela obra e parecendo-nos até que as vossas esmolas, Amigos, não entram em caudal tamanho ao que sai. E contra todas as aparências, contra toda a matemática do século, as nossas contas andam matemática e pontualmente certas, sem que nós saibamos, nem sequer sejamos capazes de vir a entender, como é.

O mistério da fecundidade divina, exercida no Edmaro, um atrasado mental tido por irrecuperável, todo tortinho, que se representa e representa em si todos aqueles outros que hão-de de vir um dia a ser seus companheiros!

O passado e o presente, tiram-nos a inquietação da grande responsabilidade de dezenas de homens que nos custam dezenas de contos, mês a mês. Em Deus, por via do Edmaro, em si mesmo e em todos aqueles outros companheiros futuros que já agora ele representa, nós pomos a nossa esperança dos «bons samaritanos» que hão-de não só parar diante do ferido à beira do caminho, mas permanecer com ele, até que já não seja ferido, nem haja outros feridos nos nossos caminhos.

EXCURSÕES

Ele tem sido aí um desabar delas. Já não falo nos domingos! Isso é costume de longa data. Mas agora é mesmo à semana. Escolas, sobretudo muitas Escolas Primárias, Liceus, Seminários. Grupos de gente humilde de muitas freguesias com seus Párocos à frente. Operários umas vezes sem e outras com os seus patrões. Correm tudo. Vêm com muitos oh! de espanto e alegria.

Nós somos a «porta aberta». A entrada é franca. Pagamos da satisfação que damos ao mundo por graça de Deus. Mas, ninguém vem de mãos vazias.

Sacos, muitas vezes de tostões. Outras, envelopes com quantias que vão até uma casa

para o Património dos Pobres.

Chega-se o fim da semana e o «Fabião» entrega as contas do seu «negócio» de cicerones. Há delas que somam contos de reis. Como Deus nos dá saborear aqui a Caridade participada por todas e cada uma das almas cujos corpos são presentes! Ó Liturgia viva!

Com que profundidade se pode entender aqui o mistério da desproporção entre a árvore frondosa, que acoberta com seus ramos os peregrinos e dá pousio às aves do Céu, e a pequenina «semente de mostarda» de que ela naseu!

E a gente pergunta-se onde a raiz deste encantamento. E não sabemos senão que o mundo tem fome de Deus e vai em procura dEle aonde o sente e vê.

O que nos dão no TOJAL

Porque a Obra é deles nós pretendemos que eles sintam totalmente essa posse. Por isso, junto deles nos inteiramos das necessidades da Casa e até muitas vezes das resoluções a tomar. Procuramo-los no seu posto para melhor e mais à vontade se exprimirem.

Hoje, corro às obrigações de cada qual e pelo caminho tomo conhecimento de penúria em muitos sectores. Começo pela cozinha:

— Que falta aqui, Páscoa?

— Não temos lenha nenhuma e a dispensa anda fanada de todo.

Passo ao refeitório e oiço:

— Aqui é uma miséria de pratos, talheres e copos. Na mesa dos batatas é à vez.

Quer o Joãozinho dizer que nem todos têm com que se servir. Entro na rouparia e escuto mais queixas. Demoro-me pouco porque aquelas parecem ir muito longe. Que nem cotim, nem riscado, nem turco, nem pano crú, e por conseguinte nem calças nem blusas, nem toalhas, nem lençóis suficientes. Tudo na última! Desando, mas eles lá continuam as lamentações. Quem tem um rancho de filhos palpita-os. Subo às oficinas, e açoitam-me logo na sapataria:

— O Snr. arranje calçado.

Olhe para isto! Se viesse uma ajuntadeira a gente fazia de novo

Torno a desandar. Dali à alfaiataria são dois passos. Sento-me a ver os rapazes afadigados. Não há lamúrias porque não inquiri. Mas esboço o desejo de fato novo para todos os de exame. Os alfaiates ouvem e guardam a esperança. E os senhores por certo não me deixam ficar mal. Na carpintaria e serralharia saiem-se com idêntica interrogação:

— A energia eléctrica quando vem?

Eles suspiram por máquinas mas sem aquela não é possível. A Câmara de Loures garantiu brevidade, mas o tempo voa e nada!

Ao invés de outras instituições recebemos o rapaz sem enxoval. Aqui há dias, veio um que nunca usara sapatos. Outros desconhecem lençóis. Se ignoram o lar, como hão-de conhecer o conforto! Também não é hábito possuírem madrinhas ou protectoras. Eles pertencem a todos porque de ninguém são. Consoante as possibilidades muitos contribuem e nós aceitamos a desobriga. Neste espírito tem vivido a Obra da Rua e nele espera continuar. Eis a desobriga dos dois meses últimos:

Des empregados do Banco de Portugal uma cotização de 2.486\$00. No mesmo Banco, em vez que ali estive, entregaram uma nota de 500\$.

Há gestos enternecedores e certamente indeléveis no espírito de quem os pratica: Três crianças entregam-nos pessoalmente três notas de 50\$00 no dia da primeira comunhão.

Da Mobil Oil Portuguesa duas cotizações de 1.948\$00 e 1.455\$. As so-

— Continua na quarta página —

(Espaço para endereço)

AVENÇA — QUINZENÁRIO

PAÇO DE SOUSA

— Mais uma série delas de Paço de Sousa... Vão ser o mais sintéticas possível, devido às *refilices do Sepadre Carlos* e do *Mendes, chefe* do Estado Maior da Tipografia. Sem mais palanfrório, vamos ao que interessa:

— Recebemos a visita amiga do Centro de Escutas n.º 4, de Paranhos, Porto. Assistiram à missa no mosteiro e passaram cá a tarde, jogaram com a nossa segunda categoria que se tem portado às mil... por 11 bolas a 1.

Gratos pela visita e ainda mais pelo desportivismo revelado, aceitando a nossa superioridade com toda a naturalidade.

— No passado domingo 9, visitaram-nos os Surdos-Mudos do Porto, trazendo até nós o seu apreciado conjunto futebolístico, que goza de fama reputação no meio popular.

Visitaram a nossa aldeia e em seguida defrontaram a nossa equipa que, ainda desta vez não pôde jogar com todas as figuras do primeiro plano. Jogou muitíssimo bem, tendo apenas a anotar alguns senões, ao longo da segunda metade do encontro. A primeira foi primorosamente jogada por todos os componentes. Teremos num futuro próximo uma boa equipa, se todos trabalharem com vontade. Permitam-me no entanto, salientar a linha de médios, a auspiciosa estreia de Oscar com quatro tentos e a boa laboração de Roque e Augusto.

Apesar do expressivo score de 7-1, o grupo visitante teve jogadas bem giradas e merecia ir mais além. Tiveram jogadas perfeitas, falhando apenas no capítulo remate.

O G. D. da Casa do Gaiato apresentou a constituição seguinte:

Jorge Ferreira, Rocha, Augusto e Carvalho; Domingos e Pereira Gomes; Dita, Roque, Oscar, Gaia e Russo I. G. D. Surdos-Mudos: Abreu (Manuel); Roque, Isac e Luís; Rato e Barros; Eurico, Monteiro, Barbosa, Albertino (Lino) e Alves.

— O livro «Doutrina», está em distribuição. Coser, encapar, fazer encomendas e correio com eles! Tem sido assim todos os dias e assim continuará a ser pois muitos dos nossos amigos ainda não deram as suas ordens que a todo o momento esperamos... Os atrazadinhos desta vez parece-me que vão ficar mal! Não queiras ser desse número, leitor!

Composição, trabalha a Intertype, os paginadores, tituleiros, gemem os prelos e vamos prá frente. Olhar para trás é perder tempo.

Isto ainda não é nada. Quando entrar em «funciones» a nova máquina impressora, vai ser um caso muito e muito sério. Os funcionários gráficos nem vão ter tempo sequer de respirar fundo e os serviços vão ser do melhor que há. Os leitores agora vão a um desafio a ver quem são os pri-

meiros a tapar a boca a esta maravilha!... Quem serão os sortalhões?

— Relógios. Muitos relógios, poucas horas certas. «Todo o mundo» tem relógio, mas não há dois certos. Ainda está para acontecer. Quando tal for, temos de comprar foguetes.

Isto é o cabo dos trabalhos. Muitos chegam tarde à mesa e já não comem. Outros ao terço e... «Ai as minhas orelhas!» «Puche do vagar!»

Todos fazem o seu reclame e todos andam pelos «Lampeões da Ponte!» Há quem atraze e adiante os ponteiros, conforme as conveniências, mas a coisa não pega pois quem manda é o velho despertador da cozinha. E não há mais paleio!

Como todos são bons (aqui também segue o reclame que o Snr. Padre Carlos faz ao seu), eu tomo a liberdade de dar um conselho: *Que os ponham todos no museu!*

E vivam os que não têm relógio!

— Olha o Presidente!

— O Carvalho foi aos pêssegos! Também quero!

Como estamos no tempo da fruta e temos muita, temos tido consoladelas todos os dias à sobremesa e à merenda.

Este alarme foi à hora da merenda. O Luís de Carvalho tinha mais do que a conta...

Como foi e como não foi. Fala aqui e dali e os pêssegos foram tendo o seu destino.

Mas afinal de contas ninguém foi a eles. O Palhaço passou perto das oficinas com eles e ofereceu-os ao seu mui ilustre compadre Carvalho e este ficou muito contente. Os outros é que não apreciaram nada o truque, mas safou-se!

Daniel Borges da Silva

MIRANDA

— No passado domingo, dia dois de Junho tivemos cá quatro excursões da Figueira da Foz que iam prestar a sua homenagem a Nossa Senhora da Piedade, na Lousã, visto ser lá o dia da festa. Não passaram sem ver a nossa linda casa. Não foi só ver. Também deixaram, claro que deixaram o que puderam, visto grande parte também viverem com o suor do seu rosto!

— Também cá recebemos uma bola de couro de S. Paulo, do Brasil, de um Senhor nosso amigo e vizinho que passou cá connosco todo o verão e até ajudou a descamisar muito do nosso milho. Quando veio trouxe 8 bolas usadas e uma nova que ainda existe. A este senhor muito obrigado por tudo o que nos tem feito. Mas o ideal seria que este senhor que tão de perto conhece a nossa Casa, transmitisse a tantos outros que a não conhecem; afim de melhor se aproximarem mais da Caridade. E então são tantos que precisam de ter esta virtude a caridade para com o próximo! Este é um dos degraus da escada que nos leva ao Céu.

— Nós também cá festejamos o dia da Ascensão do Senhor. Assistimos todos ao Santo Sacrifício da Missa.

No fim fomos dar um passeio ao Santuário de Nossa Senhora da Piedade de Tábuas, afim de contemplar as belezas da natureza, criadas por Deus Nosso Pai.

Fomos em jeitos de acampamento, levando batatas, bacalhau e duas cestas de cerejas que nos deu a nossa Mãe de Tábuas.

— Recebemos para a nossa Conferência, do assinante 23.645, 50\$00. Mais 50\$00 da Nazar. Mais da nossa amiga das Caldas da Rainha que todos os meses nos envia 50\$00. A esta senhora assim como aos outros os nossos maiores agradecimentos. Mais de uma senhora de Coimbra que de vez em quando vem passar o domingo e

Património dos Pobres

— Continuação da terceira pág. —

dar solução. «Eu ainda não sei... eu vou ver...»

Ora saboreie o mundo a verdade desta 1.ª pessoa e saibasse que é mediante ela, «só com a condição dela», que nós vamos a paróquias distantes acudir com migalhas aos problemas singulares de tantas famílias pobres.

sempre deixa para os nossos pobres 10\$00 e agora 40\$00. Isto sim. Assim é que é ter caridade para com os nossos Pobres. Sem mais quero dizer aos nossos caros leitores que se não esqueçam dos nossos irmãos Pobres, que tanto precisam e, nós só podemos dar à medida que os nossos leitores nos ajudam.

Estamos a gastar muito semanalmente. Só em géneros alimentícios estamos a alimentar 10 pobres e precisamos de socorrer muitos mais.

Nos passados dias nove e dez do corrente foram daqui alguns dos nossos rapazes vicentinos tomar parte na Peregrinação Vicentina a Fátima, afim de se concentrarem com todos os vicentinos de Portugal inteiro; todos mais perto do Céu agradecendo-Lhe tudo o que Ela tem feito por nós, e pedindo-Lhe que nos dê forças para no futuro podermos e nunca deixarmos de socorrer os nossos Pobres, que são nossos irmãos e também filhos de Deus.

Joaquim Alberto (Nelas)

Outra vez

CALVARIO

Eu volto aqui, porque, com o Edmaro e os pensamentos ditosos que a sua recuperação me provocou, me esqueci do que cá vem dar e do que é preciso vir.

Primeiro que tudo a Capela do Calvário. Ele paramentos, ele alfaias, ele tudo o que é necessário numa Capela a servir. Como ela é muito linda e velha, é preciso que tudo seja lindo e bom que seja velho, para dizer bem. Quem não tiver antigo, ou duvidar do lindo, traduza em migalhas a sua presença na Capela do Calvário. Cálice já nós vimos um maravilhoso no nosso ourives. Quem quiser saber onde ele é pergunte. O resto o próprio ourives sabe.

E agora o ofertório. E que ofertório! Ora escutem:

«Para os doentes do Calvário; três meses de privação de cinema». E vêm 150\$00 a consubstanciar o sacrifício.

Por alma de Francisco 100\$. O mesmo de «alguém que muito quer à Obra». Esta aparece duas vezes e é assim todos os meses. Na Igreja de S.ta Cruz em Coimbra, 1.000\$00, «em cumprimento dum voto». Outra vez 100\$ «correspondente ao mês de Maio» de «Um Amigo dos Pobres». Metade de Avelal de um esposo que perdeu a esposa e cumpre com aquela quantia o desejo que Deus não dou a ela realizar.

Dois vezes, uma migalhinha, da Celeste, de Lourenço Marques. Cada «migalhinha» vale 500\$00.

Trinta por alma de Rui e Cândido, 100\$ «deste mês» da Emília, de Lisboa.

O «Amando os homens...» não podia faltar. «Uma assinante da casa dos 100» há muito não vinha por aqui, mas hoje sim, com 100\$00. Metade, do que «continua esperando a graça». E não desarmar! O homem de Fé!

E uma «Avó» com 500\$00 e muitas vezes «orações para que Deus lhe dê a Sua Divina Graça e virtude, para que leve a cruz que lhe impôs». Deus pague a dupla Caridade desta boa «Avó».

O que nos dão no Tojal

— Continuação da terceira pág. —

cidades Reunidas Reis de Sacavém despejam no nosso celeiro quatro toneladas e meia de batata. Visitantes aparecem com 150\$ e logo outros com igual quantia. Para o doente sem sete costelas 560\$00 do Congo Belga. O amor do próximo não diferencia raças, nem mede distâncias.

Em Lisboa, uma senhora quis melhorar o rancho da «alta» e nós à sua conta assim procedemos. A Secção de operações da Sonap apresenta-se no Banco com 42\$ e 112\$50. Muito em silêncio e constância, ano após ano. Por outra via, mas de igual modo, ago o Pessoal dos Produtos Lácteos. Desta feita um vale de correio com 118\$50.

No Montepio levantámos em Março donativos de 821\$ e 820\$ para assinaturas.

Pela Páscoa uma Luísa veio com 20\$00. Com desejos de Boas-Festas chegam 50\$ da R. do Comércio. «Dois jovens quaisquer» tornam com 150\$00 «pedindo nas suas orações se lembre de nós». São muitas ao dia as vezes em que dos benfeitores nos recordamos. Agora, um grupo de operários. São os empregados do Conde Barão. Mandam 40\$ e o desejo do ser mais. Não se cansam os empregados do Crédito Predial com mais 120\$ e os da C. P. T. Automóveis com 310\$.

Outra vez no Montepio. No último andar são embrulhos, no primeiro donativos. A romagem de silêncio prossegue e os juros destes depósitos só no tempo da retribuição futura serão conhecidos. A senhora da Secretaria, a quem agradecemos esmero e cuidado, apresenta-nos a lista: De L. A. 500\$00. Com as iniciais P. P. deixaram 100\$00. Seguem-se duas moedas de 5\$00 e uma nota de 20\$00. Mais outra de 50\$00, de Alice. Esta com mais 30\$. M. A. S. subscreve depósi-

tos de 20\$00 e 50\$00, para o Tojal e 20\$00 prás Criaditas. Duas moedas de 10\$00 de Bernardina. Mais 250\$00. Em acção de graças 100\$00. De Nampula 50\$00. A seguir 20\$, 30\$ e 100\$. Do primeiro ordenado de uma filha 750\$00. Uma tripeira com 60\$00 para o Tojal e outro tanto para Paço de Sousa. A. Simões com 50\$00. Para o Património dos Pobres duas notas de 50\$00. E outras duas de mil. Pró Calvário 120\$00. Pró Conferência do Tojal 500\$00. Mil francos com destino ao pobre sem sete costelas. Assinaturas pagas somam 1.095\$00.

Voltamos a nossa casa, e o correio entrega vale com 600\$00 de Curitiba no Brasil. Uma admiradora da Obra cumpre promessa de 50\$ para o Calvário e o mesmo para os Pobres. «Benfica» pede uma oração e «desculpai de ser só 20\$, mas vivo com dificuldades». Visitantes com 50\$00. Entre eles o assinante 10.037.

Os nossos Pobres nunca são esquecidos. Aí vêm mais 500\$.

Por alma de M. Maia 50\$. «Pela conversão duma pecadora» A. B. 60\$. Por não estar presente ignoro quem entregou ao Carlos duas notas de 500\$ e duas de 100\$. Em Benfica, carreguei calçado e roupa. Na R. José Estêvão fiz o mesmo. Batem-nos à porta com mais mil escudos: «Depois do primeiro ordenado, do primeiro aumento, venho, como prometi, com o segundo aumento!» Quem de tal modo lhe ensinou a dar, não fica por certo sem dar também.

No Lar, aos Navegantes, um visitante com 20\$, uma carta com 50\$00 e outra com 200\$00.

A assinante 3.541 com 100\$00, para sufrágios. Mais assinaturas pagas em Maio, num montante do 570\$. E é tudo desta vez.

Padre Baptista

Chales de Ordins

— Continuação da seg. página —

zer outro tanto». Tondela um dos grandes para uma postulante. Torres Vedras, com uma carta repassada de grande piedade filial, um dos médios.

De Lisboa, não sei quantas encomendas. De algures, 900\$00 para sete dos grandes. É pela segunda vez, que este leitor nos mostra a sua caridade por obras, não querendo seja revelado seu nome ou terra. Bragança e Castro Daire cá vão irmanados no mesmo pedido.

Coimbra aparece com um gaiato a pedir «o mais rápido possível, um dos vossos excelentes chales que em todo o Portugal têm dado brado». Vieram ao mesmo o Porto, Marco de Canaveses e Santarém.

Sem pedirmos apreciações, vieram, envoltas de gratidão, do Porto («Já recebemos o chale. Está muito bonito»), De Lisboa («satisfiz-me») e Faro («é esplêndido»). É fácil a prova. Um postal a encomendar. Um vale de correio a acompanhar. E mais nada.

Padre Aires

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Já não é a primeira, ao longo dos anos têm sido muitas as vezes que o homem da enxada — o jornaleiro — vem até nós logo que a doença lhe bate à porta. Não fala em pão. O que de momento o preocupa são as drogas: «assine-me esta receita». Assinar não é receber; é após na dita uma rubricazinha e, assim, a farmácia dá o preciso e lança a débito na conta da Conferência.

Segundo o que temos visto não falta assistência médica. Se doente, procura o clínico. Este, receita. É o seu papel. Porém, o aspecto da assistência em medicamentos — tão importante — é um problema doloroso. Doloroso! O homem da enxada, com saúde, ganha entre 15\$00 a 20\$00!, segundo as suas qualidades de trabalho. Mais um «alqueirinho de milho», umas batatinhas, um pouco de «adubo» que o patrão, se generoso, oferece, de quando em vez, vai entreteendo o seu maior estômago dos filhos. Enquanto de saúde vai vivendo; com pobreza, é certo, mas com alegria. O povo é bom e crente. A Providência dá a Graça do viver alegre. Porém, vem a doença! A doença, — eis a cruz desta classe de gente, O espectro! Quem lidar de perto sabe. E todos sabemos que os remédios custam os olhos da cara! Se o indivíduo da classe média sente enormes dificuldades na satisfação da conta da farmácia, não menos o jornaleiro.

Poros jornais a gente vê que o problema da previdência rural anda a ser agitada; que as coisas vão mudar

um bocadinho. É preciso que mudem de vez! O braço do homem do campo — a maioria da Nação — é Portugal do mais cristão. Aquele Portugal que reza pela manhã, ao meio-dia e à noite. Aquele Portugal que se benze antes de lançar à terra o grão que há-de germinar, frutificar e depois transformar-se em pão. O pão que todos nós comemos. E fruto de tanta canseira e suor!

Chegou a hora de o mundo se virar pró campo? Abençoada hora! Abençoada cruzada!

O QUE RECEBEMOS: De Perafita 20\$00 do assinante 22.428. Idem do assinante 220, de Braga. Que número tão baixo! Eduardo Melo, 165\$. Avelino Marques, de Penafiel, 100\$00. «Da Minucha e 3 priminhos», igual. Ana Camossa Almeida, 20\$00. «Um zero» 100\$00. A Humildade é uma força poderosa! Céu Abreu Silva, de Elvas, 40\$00. S. Mamede, o costume de G. T.: «ainda que um nadinha atrazada junto a minha pequena contribuição do mês de Maio, mês de Maria e mês em que nasci». Também eu! Por isso é lindo, ou não fosse o mês de Maria! o mês das flores! Assinante 7.348, 40\$00. Assinante 1.410, 10\$. Assinante 13.880, 50\$00. Celeste Santos, 30\$00. Assinante 12.112, 40\$00. Idalina Rosa Ferreira, metade. Assinante 16.949, 200\$00. E fecha «um zero», agora com 50\$00.

A todos o costumado muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes